

GUSTAVO SUMPTA
SEM MANUAL DE INSTRUÇÕES

Sandra Vieira Jürgens

A trajectória de Gustavo Sumpta ocupa uma posição singular no panorama artístico. Desde o começo ele manteve uma liberdade de actuação que se estendeu a campos como o teatro, o cinema e a performance. No campo das artes plásticas, goza igualmente de uma posição não canónica. A sua prática não se circunscreve a uma disciplina nem ao domínio dos suportes mais reconhecidos no meio e torna-se sempre esquiva a catalogações.

De entre os seus trabalhos, gostaria de me deter na performance, que pode considerar-se o seu veículo privilegiado de experimentação e um campo decisivo da sua produção artística. Gustavo Sumpta não é um *performer* imerso no campo da arte contemporânea, mas um criador visual que busca deliberadamente o plano performativo para resgatar a vitalidade e a energia da criação artística. A sua obra traduz experiências vitais, cumplicidades fluidas entre estados de desassossego e quietude, de tensão e prudência, que consistem em experimentar os limites, o peso e a leveza de uma relação sensível e intuitiva com o mundo.

Constantemente à procura de sentido, os seus trabalhos podem ser descritos como ensaios, ou formas de pesquisa que se desenvolvem processualmente na execução de um acto. Sempre presente no espaço, ele executa, segundo variações, deslocações e construções com recurso a um número mínimo de objectos – frequentemente papel, cartão, peças e tábuas de madeira. Sumpta relaciona-se de uma maneira activa com os elementos, promove a repetição dos gestos e é a partir da relação física e espacial que estabelece com eles que dá corpo a uma situação/conceito/ideia. Em alguns momentos promove a tensão como método de exercício, faz e desfaz uma dada construção, um corpo reage contra a acção de outro numa linearidade que é assegurada pela sucessão e resolução de eventos, cujo sentido não bloqueia o espaço imaginativo do espectador.

Em PRIMEIRA LIÇÃO DE VÔO POBRE NÃO TEM METAFÍSICA presenciamos uma performance: tábuas e cavaletes de madeira são deitados ao chão, procede-se à formação de equilíbrios instáveis, e alguns materiais cedem ao peso do corpo do artista... Estamos perante uma performance que é ao mesmo tempo uma instalação de imagens espacialmente expansivas, de fronteiras instáveis, de formulação plástica e escultórica, que permanecem como peças de exposição.

O espectador aguarda um espectáculo, mas avesso à normatividade Gustavo Sumpta propõe-se não aceder às convenções que regem a nossa experiência. Sem procedimentos de interacção com o público, favorece a criação de um espaço mental que é sempre difícil de descrever. O que mais surpreende em algumas das suas

intervenções é o modo de actuar, marcado pelo domínio do tempo e do espaço, em que o artista revela um estado de concentração extrema, um procedimento meticuloso, que no entanto não comprometem a naturalidade de execução. São formas de experimentar a resistência, que expandem a sua arte e, teste mais difícil, questionam a resistência do público. E essa é uma medida de expansão que define bem a ambição de Gustavo Supta.

Sandra Vieira Jürgens, «Gustavo Supta: Sem Manual de Instruções», Texto sobre a exposição «Primeira Lição de Voo Pobre não tem Metafísica» de Gustavo Supta, IN. TRANSIT #32, Porto, 2007.